

ENCERRAMENTO DO SEMINÁRIO REVISITAR GOA DAMÃO E DIU, NO IESM

15 de Novembro de 2006

GENERAL JOAQUIM CHITO RODRIGUES

Exmos. Senhores

Acabamos de ouvir as conclusões dos nossos trabalhos durante as três conferências de fim de tarde e o seminário de hoje. Terminamos assim com sucesso as tarefas a que nos propusemos: Revisitar Goa, Damão e Diu. O tema e o seu enquadramento no tempo e no espaço cultural, diplomático, político e militar com base na história viva, traziam algo de delicadeza no seu tratamento que imediatamente foi contrabalançado com a determinação na procura da Verdade histórica e do acolhimento de todas as comunicações que surgissem, por mais controversas que fossem. Privilegiando o facto histórico e menos a ficção. A aliança entre o facto histórico e a ficção que ontologicamente aproxima a história da literatura e é bem expressa no poema de Coron Doy (1912):

“I have wrought my simple plan / If I give an hour of joy / To the boy who’s half a man / Or the man who’s half a boy.”

Essa aliança entre facto e ficção, aponta para uma espécie de mitologia heroica de que os portugueses são exemplo ao gerarem-na com os relatos dos seus feitos, na Índia portuguesa, A nossa imagem de Goa Damão e Diu, desde Vasco da Gama aos nossos dias é uma verdadeira aliança dessa ficção e desses factos que alimentam a vida dos nossos heróis e da nossa memória coletiva. Não nos chega porém nos dias de hoje o culto de Vasco da Gama, dos Vice-Reis da Índia, de um Afonso de Albuquerque ou um S. Francisco Xavier. No nosso seminário procurámos não a ficção e o mito que nos aproximam da literatura. Privilegiámos os factos históricos recentes e a história viva, sem esquecer o enquadramento do passado. Não procurámos descortinar mais um momento de heroísmo português, mas identificar as linhas base que sustentam a história contemporânea e justificam a investigação mais aprofundada dos factos.

É de assumir que Goa, Damão e Diu constituem um Case-Study. E neste case study durante este seminário duas questões se nos puseram e que julgo merecerem aprofundamento. Em primeiro lugar:

- Será que o caso Goa, Damão e Diu rompe com o herói imperial, o herói militar cristão, capaz de combinar a aventura militar com uma retidão de comportamento e isenção de espírito?

O culto do herói e do mito é uma força atuante e inevitável das sociedades que evolui com os tempos e com as condições socioeconómicas. Mas Sabemos também o que significa para nós a história mítica dos portugueses na Índia. Será que a queda de Goa, Damão e Diu rompeu esse culto heroico? Se rompeu quem o originou? Se tal se verificou qual a influência dessa rotura na análise da acção das Forças Armadas na Ásia e em Africa no terceiro quartel do século XX? Eis mais uma linha de pensamento a aprofundar. Um outro ângulo de análise que se abre na abordagem de temas como o que aqui tratámos é aquilo que chamamos de Memória Partilhada. Tudo fizemos para que aqui tivéssemos intervenções daqueles que na altura estiveram face a face e hoje se encontram lado a lado na defesa da democracia. Recebemos apoio da Embaixada da Índia e a senhora embaixadora esteve presente na abertura das conferências. Não foi porém possível desta vez ouvir diretamente as razões da parte oponente de então. Pela nossa parte, vimos desenvolvendo projetos que levam à prática a Transmissão da Memória às gerações ativas de cidadãos portugueses, bem como às gerações jovens do nosso país. Nestas conferências e seminário foi também evidente:

- A análise permanente do percurso que vai da necessidade de reconhecimento à reparação;
- O fazer viver as marcas do passado;
- O testemunhar para o futuro.

O problema da partilha das memórias, como afirmámos não se põe apenas perante os componentes de um povo, mas entre povos. A sua prática constituirá um reforço das ligações entre povos e estados no domínio da memória combatente, contribuindo para aprofundar as condições para uma paz internacional cada vez mais duradoura. Entre nós a Liga dos Combatentes orgulha-se de vir defendendo orientação inovadora da não distinção entre antigos combatentes e novos combatentes e entre conflitos internacionais, coloniais ou operações de paz. Será esse conceito um verdadeiro vaso comunicante que facilitará em permanência a transmissão das memórias, produtora de paz de espírito e paz entre as gentes. Entendemos assim que a conservação partilha e a transmissão das memórias é um processo contínuo que nos garante perenidade, idoneidade e utilidade nacional. Temos também para nós que dos instrumentos mais poderosos para a sustentação desse processo contínuo de memórias partilhadas são de salientar:

- O DISCURSO, do qual este seminário e outras ações como esta são exemplo.

- Os RITUAIS COMEMORATIVOS de que o 9 de Abril, o 10 de Junho ou o 11 de Novembro são testemunho
- O TRAÇO HISTÓRICO de que os monumentos e os talhões são, para nós, os traços mais evidentes e afetivos.

Acentuamos estes factos porque o diagnóstico atual nos sistemas de transmissão de memória ou de memória partilhada são de extrema fragilidade entre nós e muitas vezes deturpados relativamente à verdade histórica. É que o Estado tem vindo progressivamente a desinvestir na dignificação dos símbolos e nos rituais da República que sustentam a identidade e a coesão nacionais. A Escola parece ter abdicado. Ainda que os jovens precisem desesperadamente nos nossos dias, de modelos de referência para virem a construir os seus valores de vida e precisam de apreender a cumprir regras para se inserirem na ordem democrática do seu país e do mundo civilizado. Embora tudo tentássemos para que a juventude civil e militar estivesse com mais presenças no nosso seminário, temos que afirmar que nesse aspeto o nosso objetivo ficou aquém do que desejaríamos. Não porque não tivéssemos difundido o nosso evento junto de universidades e academias e órgãos de comunicação social. Quanto a estes é também importante que se diga que hoje em dia, para que se consiga que algo seja levado à luz do dia junto da população, importa investir elevadas verbas e então sim a publicação e divulgação surgem.

Não queremos deixar de assinalar que fizemos um autêntico desafio a todos os que passaram por Goa, Damão e Diu. Endereçámos pessoalmente mais de mil cartas. Tivemos as respostas necessárias e suficientes para fazer o nosso seminário com riqueza de posições e opiniões, mas temos também, que afirmar pelo respeito pela verdade, que esperávamos, face às solicitações pessoais que fizemos, obter resposta bastante melhor. É sem dúvida um sinal preocupante o desinteresse verificado da parte de alguns que se arriscam com a sua comodidade a não contribuir para a memória partilhada da sua participação numa fase da história de Portugal. Se não formos nós e se não forem eles a escrevê-la com o nosso e seu testemunho outros o continuarão a fazer à sua maneira. Agradeço mais uma vez a todos os conferencistas, ao Instituto, ao Coronel Taborda e Silva, ao comandante Belém Ribeiro e Coronel Hilário e a todos os que contribuíram para o êxito destas conferências. Terminando informando que a Liga dos Combatentes estuda a hipótese de criar uma bolsa de estudo de pequena duração tendo em vista a aprofundar as linhas de acção aqui definidas, nomeadamente aquelas que enunciei:

- Eventual rotura da cultura mítica e heróica pós Goa, Damão e Diu.
- A Importância da memória partilhada na vida dos povos.